

Tempo, aspecto, modo e modalidade

Arabie Bezri Hermont*
Adriana Leitão Martins**

A curiosidade em compreender melhor as noções de tempo, aspecto, modo e modalidade data de muito tempo e isso independe da área de estudo, da abordagem e do constructo teórico. Contemporaneamente, observa-se a proliferação de abordagens linguísticas que discutem, à luz de diferentes epistemologias e distintas metodologias, as categorias Tempo, Aspecto, Modo e Modalidade (TAM), descortinando fenômenos tanto de natureza morfossintática, quanto de caráter semântico-pragmático.

Nesta edição, o dossiê que versa sobre tais noções ancora-se em diversos quadros teóricos, ou seja, os estudos aqui empreendidos são realizados sob a ótica de teorias constituídas com base em abordagens cognitivas da linguagem humana, manifestando fenômenos de natureza gramatical e discursiva do português brasileiro ou de língua estrangeira.

De acordo com Travaglia (1991, p. 78), modalidade pode ser “a indicação de atitude do falante em relação ao que diz”. Segundo esse autor, temos pelo menos cinco modalidades. A modalidade **imperativa** seria aquela em que o falante “encara o que é dito como uma situação sobre cuja realização ele tem controle ou poder”; a **deôntica** estaria ligada aos deveres e às normas de conduta; a **volitiva** estaria relacionada à vontade e ao desejo; a **alética** estaria associada ao fato de o locutor ver a

* Professora Adjunta do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC- Minas). Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos em Linguagem e Cognição (ElinC) (PUC Minas). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2551-6145>.

** Professora Associada do Departamento de Linguística e Filologia na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0510-2586>.

realização da situação como algo possível, viável ou necessário; e a **epistêmica** seria aquela que revela a crença do enunciador na verdade do que produz, no exato momento da enunciação.

A modalidade pode se revelar em verbos, mas também em nomes, adjetivos e advérbios, e é, em alguma medida, entrelaçada com a noção de modo sobre a qual passamos a abordar.

Vilela e Koch asseveram:

O “modo”, como categoria gramatical principal do verbo, é um dos instrumentos privilegiados para exprimir a “modalidade”. A “modalidade” é uma categoria semântico-formal em que intervêm, por um lado, uma hierarquia de meios morfológicos, sintáticos, prosódicos e lexicais, e, por outro lado, a atitude do falante perante a validade do conteúdo fixado no enunciado, que é apresentado como coincidente ou não coincidente com a realidade. Há assim duas modalidades básicas na frase: realidade e irrealidade. [...].

A partir daqui constroem-se as escalas possíveis: certeza e incerteza, suposição, condição, necessidade, exigência, possibilidade ou impossibilidade de um dado acontecer, etc.

Este painel de possibilidades da modalidade são objetiváveis pelos modos verbais e por outros processos linguísticos, [...].

Podemos definir a “modalidade” como a gramaticalização das atitudes subjetivas do falante e a sua transposição para o conteúdo do enunciado. Há dois tipos fundamentais de modalidade: a epistêmica (a ligada a questões de opinião, crença ou conhecimento) e a deontica (a relacionada com a obrigação ou permissão). Há, como é de prever, alguns problemas ligados com a modalidade e com a sua expressão por orações. Vamos limitar-nos aos modos verbais.

O **indicativo** é a forma básica dos modos: representa o conteúdo do enunciado como um fato, denota o realmente existente, o previsível e o que está em vias de se realizar. [...].

A semântica do **subjuntivo** pode ser definida em oposição à do indicativo: é o modo do “não-realizado”,

ou “ainda não realizado”. (VILELA; KOCH, 2001, p. 175-177, grifos dos autores).

Verificamos, assim, que as duas noções podem estar bastante relacionadas e, em muitas línguas, são estudadas de várias formas. Ao lado de modalidade e modo, duas outras categorias que têm merecido muitos estudos, são elas: tempo e aspecto. A primeira é categoria dêitica, porque localiza situações no tempo, e a segunda está relacionada ao tempo interno da situação. Diversas vezes as duas noções são estudadas de forma conjunta dada a sua natureza.

Tempo da perspectiva linguística, em inglês referido como *tense*, é a maneira como a localização das situações no tempo, em inglês referido como *time*, é expressa linguisticamente, sendo tal expressão manifesta por meio de fenômenos de natureza gramatical em muitas línguas. Contudo, as categorias gramaticais que realizam tempo, como morfemas flexionais ou partículas verbais, constituem um conjunto que possibilita a expressão de informações quanto à temporalidade da situação não tão precisas quanto outras formas de expressão dessas informações. As categorias gramaticais que realizam tempo nas línguas tendem a codificar apenas informações tais como anterioridade, simultaneidade e posterioridade de uma situação em relação à outra na linha do tempo (COMRIE, 1985).

Para além das categorias gramaticais, as línguas podem dispor de outras maneiras de expressar linguisticamente a localização de uma situação no tempo, algumas delas constituindo modos de expressão de informações temporais mais precisas do que as preteritamente mencionadas (anterioridade, simultaneidade e posterioridade). Duas dessas maneiras são: (i) por meio de itens lexicais, que tendem a ser menos numerosos, como “agora”,

“ontem” e “amanhã”; e (ii) por meio de expressões compostas lexicalmente, que tendem a ser de número infinito e, a depender da cultura, possibilitar uma precisão muito grande na localização da situação na linha do tempo, como “10 milésimos de segundos após o início do experimento”.

Intimamente relacionada a tempo, há, nas línguas, a categoria de aspecto. As noções de tempo e de aspecto podem ser entendidas como estreitamente relacionadas porque é possível enquadrar uma situação na linha do tempo de duas perspectivas: (i) estabelecendo aquela situação em relação a um outro ponto da linha do tempo (situação anterior, simultânea ou posterior ao ponto do tempo referente ao momento da fala); ou (ii) revelando o contorno temporal interno da situação — por exemplo, pode-se fazer referência a uma situação que se caracteriza por um ponto fechado na linha do tempo, por pontos que se repetem nessa linha ou por um traço que se prolonga nessa linha. O primeiro enquadre tem relação com tempo, e o segundo, com aspecto.

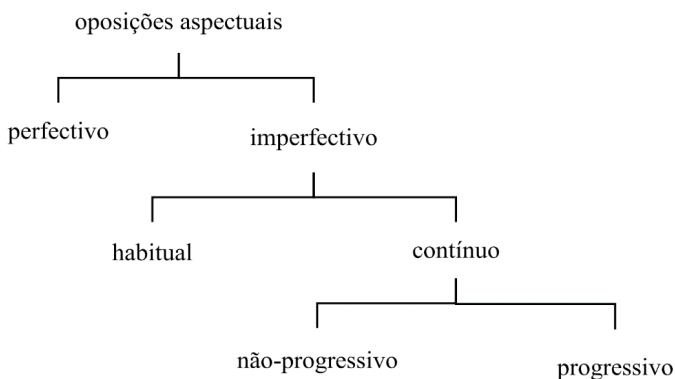
Uma grande parte dos textos apresentados neste dossiê trata diretamente de aspecto e, por isso, apresentaremos uma breve abordagem de autores clássicos (ainda que existam muitos outros), quais sejam: Vendler (1957), Comrie (1976), Smith (1997) e Bertinetto (2001).

Para Vendler (1957), alguns verbos são caracterizados por uma sucessão de fases, e outros, não; e alguns verbos teriam uma definição temporal, e outros, não. Com base nisso, Vendler propõe a seguinte classificação: verbos de estado, de atividade, *accomplishments* e *achievements*. Os primeiros, de estado, não teriam sucessão de fases nem uma demarcação de tempo. Para o autor, quando alguém amou outro alguém de um tempo (t1) a um tempo (t2), isso significa que, em algum instante entre (t1) e (t2),

alguém amou aquela pessoa. Os verbos de atividades seriam caracterizados por terem uma sucessão de fases, mas não teriam uma marcação de tempo de forma inerente. Assim, se alguém estava correndo em um tempo t , isso quer dizer que o instante de tempo t está na extensão de tempo no qual esse alguém estava correndo. Já os *accomplishments* teriam tanto uma sucessão de fases, quanto um fim temporal. Por exemplo, se alguém estava desenhando um círculo em t , significa que estava no intervalo de tempo em que esse alguém desenhou esse círculo. Como última categoria, Vendler nos apresenta os *achievements*, que não teriam sucessão de fases, mas teriam um final. Assim, se alguém, por exemplo, venceu uma corrida entre t_1 e t_2 , significa que o instante de tempo em que esse alguém venceu aquela corrida está entre t_1 e t_2 .

Comrie (1976, p. 25), autor de um livro clássico nos estudos sobre aspecto, e que concedeu uma entrevista a esta edição, apresenta a seguinte classificação de oposições aspectuais:

Figura 1 - Classificação de oposições aspectuais



Fonte: Comrie (1976, p. 25).

Nessa perspectiva, perfectividade (COMRIE, 1976, p. 17) seria a visão de uma situação como um todo único, sem distinção das várias fases separadas que a constituem, enquanto o imperfectivo dá atenção à sua estrutura interna. Um exemplo trazido pelo autor (1976, p. 3), traduzido para o português: “Ele leu” e “Ele estava lendo”. A diferença entre as sentenças não se deve à categoria de tempo, pois ambas estão no passado. A diferença reside na noção aspectual, sendo a primeira sentença marcada pelo aspecto perfectivo, e a segunda marcada pelo aspecto imperfectivo.

Em determinadas línguas, há uma única categoria para caracterizar a imperfectividade, mas há outras em que essa noção pode ser subdividida em uma variedade de categorias distintas. O autor aponta os aspectos habitual e contínuo. As situações marcadas pela habitualidade seriam caracterizadas pela repetição de uma dada situação por um período de tempo extenso, tão extenso que tal situação não pode ser referida como uma propriedade incidental do momento, mas, precisamente, como um traço característico de todo o período. Já o aspecto contínuo é definido, de acordo com Comrie (1976, p. 26), como o imperfectivo em que não há habitualidade. O aspecto contínuo, ainda para o autor, pode ser subdividido em progressivo e não progressivo.

Smith (1997) baseia sua proposta em Vendler e sugere que as noções aspectuais estejam ligadas a duas linhas: (i) o tipo de situação, que classifica o evento ou o estado apresentado na sentença de acordo com suas propriedades temporais; e (ii) o ponto de vista, que acrescenta à sentença uma perspectiva temporal, dando uma visão parcial ou total da situação que está sendo tratada. No que diz respeito ao tipo de situação, a autora

refere-se ao verbo principal, aos seus argumentos e aos adjuntos e assinala que as estruturas formadas pelos verbos seriam caracterizadas pelos traços: [+/-] dinamismo, [+/-] duratividade e [+/-] telicidade. Em relação ao ponto de vista, a autora diz que aspecto seria revelado em morfemas gramaticais e verbos auxiliares. Nessa segunda linha, estariam os aspectos perfectivo e imperfectivo.

Bertinetto (2001) propõe um quadro similar ao de Smith, mas, no lugar de traço de telicidade, o autor usa a noção de homogeneidade, já apontada por Vendler (1957). Então, um evento como “correr” é homogêneo, já que uma parte de “correr” é “correr”. Por outro lado, “pintar um quadro” não é homogêneo, já que uma parte de “pintar um quadro” não é “pintar um quadro”. Os verbos de estado seriam caracterizados pelos seguintes traços: [+durativo], [-dinâmico] e [+homogêneo]. Os verbos de atividade seriam marcados por positividade em todos os traços: [+durativo], [+dinâmico] e [+homogêneo]. Os verbos *accomplishments* seriam assim caracterizados: [+durativo], [-dinâmico] e [-homogêneo]. Por fim, os *achievements* seriam marcados pelos traços [-durativo], [-dinâmico] e [+homogêneo].

Conforme já dito, a caracterização de tempo e aspecto pode se dar em verbos, mas também por outros constituintes, por exemplo, pelos advérbios. É o que propõe Ilari (2002), que aponta que o uso de advérbios de tempo pode indicar ou reforçar as noções temporais de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, como os advérbios “ontem”, “hoje”, “amanhã”, respectivamente; além de denotar noções aspectuais, como as locuções adverbiais “às vezes”, “vez por outra”, “sem parar” etc. (ILARI, 2002, p. 141).

Consoante já assinalado, vários são os arcabouços teóricos que vêm tratando das noções tempo, aspecto, modo e modalidade. Muitas manifestações de constituintes expressando tais noções podem acontecer por meio de diferentes funções ligadas a diversas intencionalidades argumentativas, e, nessa perspectiva, distintos quadros teóricos, com suas respectivas metodologias, dedicam seus esforços em compreender tais categorias.

A teoria gerativa, por exemplo, que se dedica, em grande parte, a compreender a representação mental da gramática, estuda, há muito tempo, várias categorias funcionais, dentre elas, as de tempo, de modo, de aspecto. Nos primórdios de sua teoria, Chomsky (1965; 1972) considerava que a estrutura de uma sentença simples seria constituída por um SN e um SV, ligados a um nó, denominado S(entença), obtendo-se uma formalização como a seguinte: $S \rightarrow SN SV$. Mas, a fim de acomodar dados em que havia a presença de um auxiliar, propôs o seguinte: $S \rightarrow SN Aux SV$, em que em Aux seria resguardada a informação de tempo e de concordância. Em Emonds (1976), indica-se uma marcação binária para o nó destinado à flexão verbal, assim, uma sentença finita teria INFL [+T, +AGR], e aquela sentença no infinitivo teria INFL [-T, -AGR]. A regra sintagmática passa a ser $S \rightarrow SN INFL SV$ e seria considerada válida para todo tipo de sentença.

Em 1989, Pollock propôs uma grande mudança na concepção da árvore sintática e de IP, mudança esta que também foi adotada em Chomsky (1995, cap. 2). Pollock realizou um estudo de comparação de movimento de verbos nas formas finitas e não finitas em inglês e em francês, levando-o a adotar mais de um lugar que serve de pouso para verbos: antes e depois de advérbios, de quantificadores e de partículas de negação. Assim, na árvore

sintática, naquela ocasião, passa-se a ter dois lugares para noções de flexão: uma para tempo e outra para concordância. A partir de 1995, há a sinalização de que concordância não deveria ser mais núcleo de uma projeção. Entretanto, estudos com outras categorias proliferam, e um trabalho interessantíssimo, como o de Cinque (1999), que estuda a posição de advérbios e sua relação com projeções funcionais, modalidade, modo, tempo e aspecto, demonstra que pesquisas sobre as noções propostas neste dossiê são ainda bastante necessárias.

Após essa breve explanação teórica, apresentaremos os artigos publicados neste número da **Revista Scripta**, os quais decorrem da discussão de resultados de pesquisa sobre um tema muito instigante e, se já é estudado há muito tempo, nos últimos tempos, é que tem merecido expressivas pesquisas em termos numéricos por parte de grandes centros de investigação científica, no Brasil e no exterior.

Codinhoto e Rech, no texto “Considerações sobre o modal teleológico”, apresentam as propriedades sintáticas e semânticas do auxiliar modal teleológico, abordando aspectos relativos à construção em que tal constituinte surge. Além disso, as autoras demonstram as diferenças entre seu objeto de estudo e outros modais de raiz, revelando como uma construção com o modal teleológico relaciona informações que correspondem a “meio” e “meta”. Codinhoto e Rech abordam ainda fatores como a orientação modal e a sua coocorrência com um item de negação, acrescentando importante análise para o campo dos estudos de modais.

Penz e Ibaños, no texto “TARDIS & TAME: an essay on natural language meaning and metaphysics”, usando uma metodologia que considera o dualismo léxico/metafísica para as

abordagens de Semântica Formal e sua correlação com tempo e espaço, abordam a relação teórica entre as instâncias de tempo e de espaço a partir da linguagem natural como vetor de sua manifestação. O *design* ontológico de partida, de acordo com os autores, é composto pelas categorias de TAME (*tense*, aspecto, modo e evidencialidade/eventologia) instanciadas por fenômenos linguísticos que ilustram as propriedades de deslocamento, ancoragem e *aboutness*. Penz e Ibaños abordam a natureza lexical das entradas no português brasileiro e sua contraparte metafísica em significado, refletindo sobre o equilíbrio adequado do dispositivo formal do componente semântico em relação ao TAME, correlacionando-os aos princípios mais amplos da linguagem humana, os quais os autores denominam TARDIS, focalizando sobretudo a modalidade.

Fatima-Zahra El Fenne, no texto “English Paradigm structure in French verbal inflection - Paradigm structure in French verbal inflection”, tem, como objetivo principal demonstrar como determinadas propriedades morfossintáticas podem ser analisadas como um afixo global, que opera dentro de um mesmo espaço, sem ordem fixa. Para tanto, a autora estuda a morfologia flexional verbal em francês, que, nas palavras de Fenne, é marcada por cinco categorias gramaticais: tempo verbal, aspecto, modo, pessoa e número. Dentro de uma perspectiva da Morfologia da Construção, a autora traz excelentes reflexões sobre o tema, perpassando por análises de natureza fonológica e morfossintática.

Lessa e Cabral, no texto “A competição entre Simple Past e Present Perfect no inglês estadunidense: um estudo de caso sobre o *perfect* de resultado”, verificam que, no inglês estadunidense, o uso do Simple Past para representar situações

resultativas e de passado indefinido recente tem se revelado mais natural do que o uso do Present Perfect, resultando em uma competição entre as duas estruturas, especialmente, nos sentidos do *perfect* que seriam classificados como *perfect* de resultado ou resultativo. Após a aplicação de testes de eliciação, os autores verificaram que o Simple Past assume a forma *default*, mesmo quando o contexto indica continuação e relevância do resultado no presente e o uso do Present Perfect é favorecido em situações cujo estado resultante é condição para uma demanda prévia por ação do interlocutor, especificamente, quando não há outra marcação linguística de causalidade.

Bertucci, no texto “A aspectualidade estativa de ‘ficar’ na perífrase com gerúndio”, promove uma reflexão da interpretação aspectual de “ficar” quando seguido de gerúndio ou particípio em português brasileiro. O autor propõe que “ficar” seja um aspectualizador, contribuindo com a formação de um predicado com características estativas, e defende que a noção de permanência atribuída a ele é válida para as construções analisadas. Assume ainda que diferenças entre a complementação com gerúndio ou particípio são composicionais. Com essa tomada de posição, Bertucci corrobora os estudos interessantes que vêm sendo desenvolvidos sobre a aspectualidade de auxiliares e de estruturas perifrásticas.

Nessa mesma perspectiva, Xavier e Oliveira, no texto “Marcação de aspecto gramatical nos verbos de ligação: uma análise morfológica”, propõem uma análise morfológica dos verbos de ligação para a verificação da marcação aspectual nessa tipologia verbal. O texto toma como amostra os verbos ser, estar, continuar, virar, andar, ficar, parecer, permanecer, viver, tornar-se e encontrar-se. Ao proceder aos estudos dos traços aspectuais

contidos nos verbos de ligação, as autoras verificaram se eles carregam traço semântico ou devem ser associados apenas a uma categoria funcional. Xavier e Oliveira assumem que os verbos de ligação indicam aspecto, logo não podem ser considerados semanticamente vazios ou apenas categoria funcional.

Araújo e Sebold, no texto “A volição na leitura aspectual de sentenças com a perífrase ‘estar+gerúndio’ no português brasileiro”, investigaram se as leituras aspectuais da perífrase “estar+gerúndio” geram leituras volitivas em contexto de sujeitos [\pm animados] no português brasileiro. Assumindo a hipótese de que não há uma leitura específica de volição para essa perífrase, as autoras chegam a resultados sugerindo que, mesmo em contextos com sujeitos [-animados], os falantes associam majoritariamente as sentenças a interpretações que indicam habilidade e, conseqüentemente, volição. Essa é mais uma contribuição deste dossiê para a compreensão de aspecto em perífrases verbais.

Soares e Ferrari, no texto “Imediaticidade pragmática e uso do presente do indicativo em manchetes e subtítulos jornalísticos”, visaram a compreender as motivações conceptuais para cada tipo de uso e verificar as estratégias discursivo-pragmáticas observadas nesses recursos iniciais de acesso à notícia. A investigação parte da noção de imediaticidade epistêmica, ampliando-a para a noção de imediaticidade pragmática e, dessa forma, relacionando o estudo às noções de ato de fala de noticiar. Soares e Ferrari verificaram que há alta frequência de uso do presente do indicativo nas manchetes, o que seria associado à conceptualização de um evento passado como um fato novo, indicando uma imediaticidade pragmática.

Coelho e Tenuta, no texto “As construções [VIANDAR/ IR/ SAIR/ VIR/ VIVER + V2gerúndio] e a expressão do aspecto: restrições sintático-semânticas e motivações cognitivas do seu processo de gramaticalização”, procuram compreender o processo de auxiliarização dos verbos elencados no título do texto e que apresentam uma noção de movimento. As autoras, estabelecendo a hipótese de que os esquemas imagéticos presentes na conceptualização de tais verbos, acompanhados de uma forma nominal de gerúndio na posição de V2, visam a analisar diacronicamente tais construções aspectuais, buscam descrever as motivações cognitivas envolvidas em seu processo de gramaticalização, além de identificarem possíveis restrições sintático-semânticas delas advindas. Os resultados do estudo diacrônico indicaram que as formas “andar”, “ir”, “vir” e “viver” já funcionavam como auxiliares aspectuais quando combinadas com uma forma nominal de gerúndio desde o século XIII e que o esquema fonte-trajeto-alvo é fator imprescindível para que o verbo de movimento seja reanalisado como forma auxiliar em uma construção em que V2 é uma forma de gerúndio.

Oliveira e Amaral, no texto “Os verbos de estado no português brasileiro: propriedades semânticas e classificação”, estudaram os verbos estativos com o objetivo de mostrar que são itens composicionais e decomponíveis e não possuem comportamento uniforme. As autoras analisaram 36 verbos de estado do português brasileiro e verificaram que o elo entre a composicionalidade e a variedade comportamental ocorre quando os verbos com os mesmos componentes semânticos têm comportamentos sintáticos semelhantes, ao passo que se comportam de forma distinta em relação a verbos que apresentam componentes de sentido distintos em sua semântica. A partir dos

resultados encontrados, as autoras sugerem que os verbos de estado do português brasileiro são compostos por partes menores de significado que fazem com que se distribuam em seis classes: verbos existenciais, verbos recíprocos, verbos locativos, verbos de medida, verbos de posse e verbos de necessidade.

Figueiredo e Lourenço, no texto “Analisando a língua brasileira de sinais como uma língua sem-*tense*”, apresentam uma proposta de análise da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como uma língua sem-*tense*, caracterizada por propriedades morfossintáticas similares àquelas encontradas em outras línguas sem-*tense*, como o chinês. Partindo do pressuposto de que a Libras é constituída de verbo sem morfologia de *tense* e opcionalidade da expressão temporal ou do advérbio de tempo; de tempo passado não marcado gramaticalmente no verbo; de futuro marcado por auxiliar; de presença de predicados de nominais nus; de ausência de sujeito expletivo; de ausência de distinção morfológica entre finito e não finito; de ausência de movimento motivado por caso; e de interpretação de referência temporal baseada em aspecto, os autores verificaram que a língua em estudo emprega outros mecanismos para expressar referência temporal, tal como o uso de linha do tempo e o uso de expressões temporais e advérbios de tempo.

Ely e Snichelotto, no texto “Tempo-aspecto-modalidade em construções hipotáticas adverbiais condicionais do português brasileiro à luz da linguística funcional centrada no uso”, apresentam uma análise do comportamento das categorias funcionais de tempo-aspecto-modalidade em construções hipotáticas adverbiais condicionais do português brasileiro escrito. As autoras analisaram tais categorias em dados de cartas e, após a análise dos resultados, sugeriram que a inerência da

tríade funcional ao enunciado condicional se organiza a partir da gradualidade: (+) temporalidade (-) modalidade ou (+) modalidade (-) temporalidade. Ely e Snichelotto verificaram que os contextos predominantes na amostra seriam os *irrealis*/ não factuais, os quais se ligariam mais facilmente à modalidade epistêmica e à temporalidade futura. Ou seja, os enunciados são voltados à incerteza e à dúvida do falante e à vontade e à possibilidade de realização da proposição.

Tortato, em “Dependência entre ser, tempo e narrativa em Ricoeur”, discorre sobre a estrutura narrativa inteligível de Ricoeur, demonstrando como ela depende da semântica da ação, da simbolização da ação e da temporalidade. A autora tece observações sobre a capacidade da ação de ser narrada para que tal temporalidade seja (humanamente) significativa, bem como uma necessidade dessa ação de ser narrada e uma necessidade da narrativa para que a temporalidade seja (humanamente) compreendida. A autora, passando pelo tríplice presente de Agostinho e pela fenomenologia hermenêutica de Heidegger, busca entender de que maneira se faz essa ordenação prática do tempo cotidianamente, levando-se em conta a relação de dependência entre ser, tempo e narrativa e as expressões que o fazem, e que se desdobram desde os tempos verbais até os advérbios de tempo.

Carvalho e Gonçalves, no texto “A categoria aspecto verbal e o ensino: o que os alunos revelam conhecer e/ou entender sobre essa categoria”, desenvolvem um importante estudo que aponta para uma lacuna no ensino básico. Para as autoras, é bastante comum o ensino das categorias modo e tempo veiculadas prioritariamente no verbo, mas pouco ou inexistente a reflexão sobre a noção aspectual. Carvalho e Gonçalves realizaram uma

pesquisa em que atividades de leitura foram aplicadas em alunos recém-inseridos no ambiente acadêmico, portanto recentemente formados no ensino básico. Por meio das análises das respostas dadas, verificaram que muitos alunos associaram os efeitos de sentido decorrentes dos usos verbais apenas à identificação dos tempos verbais (presente, passado e futuro), o que pouco revela sobre a funcionalidade dessa classe de palavras numa dimensão da língua em uso. As autoras constataram que, nas respostas, a despeito de alguns sujeitos terem identificado, nos textos apresentados, traços de aspectualidade promovidos pelas ações verbais, havia certas limitações e objeções nas repostas, revelando pouca compreensão da categoria estudada.

Na “Seção Livre”, temos dois artigos que tratam de temas que vão além do assunto proposto para o dossiê desta edição, quais sejam: “Traços categorizadores na derivação de pares nome-verbo em Libras”, de Santos, e “Exclamativas e interrogativas com ‘ques’ em português brasileiro dialetal”, de Pereira.

Santos, no texto “Traços categorizadores na derivação de pares nome-verbo em Libras”, investiga os sinais e as estruturas complexas da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A autora assume a ausência de um componente lexical gerativo, presente em modelos lexicalistas que o antecedem e que, em línguas de sinais, as unidades lexicais seriam formadas a partir de alguns parâmetros, tais como: Configuração de mão (CM), Localização (L) e Movimento (M), além de Orientação da mão (OR) e Aspectos ou Expressões não manuais (ENMs). Para Santos, os pares nome-verbo apresentariam uma mesma forma superficial, diferenciados sintaticamente por um v ou por um n categorizador, com realização fonológica \emptyset ou com realização

específica em alguns membros dos pares. A proposta feita pela autora corroboraria a ideia de que as línguas são uniformes e as variações são restritas a propriedades facilmente identificáveis dos enunciados.

Pereira, no texto “Exclamativas e interrogativas com ‘ques’ em português brasileiro dialetal”, investiga as sentenças exclamativas, tais como “Ques paisagem bonita!”, e interrogativas, como, por exemplo, “Ques ferramenta você usou?”, em que se faz presente o “ques” (no lugar de “que”), em dialetos do português do Brasil. A autora investe seus esforços em compreender quais são as operações sintáticas responsáveis por derivar tais estruturas. Tanto nas interrogativas, quanto nas exclamativas, a força ilocucionária seria a responsável pelo movimento, e Pereira indica que, em muitas línguas, a distribuição dos traços de número plural é determinada pela posição dos cardinais na estrutura do DP, estende o raciocínio ao português brasileiro não padrão, explicando o plural nesse determinante.

Morato, Martins e Castro realizaram entrevistas com dois grandes pesquisadores do tema desta revista. São eles: Bernard Comrie (da Universidade da Califórnia, Santa Bárbara) e Robert Binnick (da Universidade de Toronto). Comrie é especialista em tipologia linguística e é conhecido por dois livros importantes nos estudos de tempo e aspecto: **Aspect** (1976) e **Tense** (1985). O trabalho sobre universais e tipologia de idiomas desencadeou os estudos profundos e importantes sobre aspecto e tempo e, provavelmente, é um dos mais amplamente citados nacional e internacionalmente. De forma interessante, Comrie finaliza sua entrevista indicando a leitura de um grande estudioso da área, Robert Binnick. O grande interesse deste último pesquisador

reside em línguas mongóis, além da semântica do aspecto e tempo verbais. Binnick é autor de **Tempo e o verbo**: um guia para tempo e aspecto (1991), que ainda é uma referência a estudos de aspecto até os dias de hoje, e de **The Oxford handbook of tense and aspect** (2012), além de inúmeros artigos sobre o tema.

O conjunto de artigos e entrevistas deste dossiê apresenta direções a serem seguidas, pois sinalizam que os fenômenos aqui estudados — tempo, aspecto, modo e modalidade — promovem conhecimentos de diversas naturezas e merecem, cada vez mais, investimento acadêmico-científico, além de divulgação entre os profissionais da linguagem.

Referências

BERTINETTO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. *In*: CECCHETTO, C.; CHERCHIA, G.; GAUSTI, M. T. **Semantic interfaces**: reference, anaphora and aspect. Stanford: CSLI, 2001. p. 177-210.

BINNICK, Robert I. **The Oxford handbook of tense and aspect**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

BINNICK, Robert I. **Time and the verb**: a guide to tense and aspect. New York and Oxford: Oxford University Press, 1991.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of theory of syntax**, Cambridge: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. **Language and mind**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.

CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

CINQUE, Guglielmo. Adverbs and functional heads: a cross-

linguistics perspective. New York: Oxford University Press, 1999.

COMRIE, Bernard. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, Bernard. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

EMONDS, Joseph. **A transformation approach to syntax**. New York: Academic Press, 1976.

ILARI, Rodolfo. Sobre os advérbios aspectuais. *In*: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002. v. 2.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, v. 20, n. 3, p. 365-425, 1989.

SMITH, C. S. **The parameter of aspect**. 2. ed. Dordrecht: Springer Science+Business, 1997. v. 43.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil**. 1991. 264 f. Tese (Doutorado em 1991) - IEL, Unicamp, Campinas, 1991.

VENDLER, Z. Verbs and times. **The philosophical review**, [s. l.], v. 66, n. 2, p. 143-160, 1957.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da língua portuguesa**. Almedina: Portugal, 2001.